

Clara Ávila Ornellas - (UNESP/UNICAMP/FAPESP)

## **A CARTOGRAFIA URBANA NAS LITERATURAS DE JOÃO ANTÔNIO E LIMA BARRETO**

João Antônio (1937-1996) e Lima Barreto (1881-1922) desenvolveram suas obras literárias enfocando a cidade como elemento intrínseco para suas composições estéticas. Este trabalho apresenta algumas características da relação entre cidade e literatura em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), de Lima Barreto, e *Abraçado ao meu rancor* (1986), de João Antônio.

Em *Abraçado ao Meu Rancor*, o protagonista – não nomeado – reflete sobre a decadência de dois importantes lugares assinalados na narrativa: o lugar social do narrador enquanto repórter e o lugar da cidade de São Paulo, como propulsora de recordações pessoais e questionamentos de paradoxos sociais. Após ser incumbido, pelo editor de um jornal do Rio de Janeiro de acompanhar uma campanha publicitária sobre o turismo na capital paulistana e, ao percorrer a cidade de sua infância e juventude, a personagem realiza intenso percurso em si próprio sob questionamentos existenciais refletindo sobre a decadência desta metrópole.

Lima Barreto em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* apresenta um narrador, Augusto Machado, que conta a história de seu amigo Gonzaga de Sá e tem como um dos enfoques principais os passeios deste pelo Rio de Janeiro, seu conseqüente lamento pela falta de preservação da memória histórica da cidade e suas críticas aos costumes sociais e políticos emergentes. Nesse sentido, percebe-se que, ainda que as duas obras abordem cidades diferentes, São Paulo e Rio de Janeiro, é possível depreender similaridades entre a criação artística dos dois escritores.

Há, em comum, a presença de um lamento pela cidade da juventude que não existe mais, críticas ácidas à imprensa e também a reflexão intensa a respeito da falta de lugar para os marginalizados socialmente e aos próprios protagonistas. É importante observar como o espaço urbano exerce uma função de quase personagem nas duas narrativas porque ambos protagonistas tecem suas reflexões sociais e íntimas, muitas vezes, a partir do olhar sob determinadas particularidades da cidade. O fato de não reencontrarem a urbe da juventude os levam a questionar a falta de espaço para si próprios dentro do contexto social em que vivem. A maneira como problematizam a precariedade da vida de muitos cidadãos os colocam como vértices questionadores da elite americanizada que vê como *status* social a assimilação ou cópia de modelos de comportamentos estrangeiros que desmerecem completamente as raízes da cultura brasileira. É nesse sentido que se percebe uma forte correlação entre história, memória e sociedade em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Abraçado ao meu rancor* porque seus personagens principais caminham pelo mesmo espaço da juventude, mas constata-se que este nada tem em comum com a memória vivida e, pior, a degradação e a indiferença originadas pela política capitalista excluem cada vez mais a possibilidade de igualdade de direitos para todos os homens.

O conceito de *cronotopo*, estudado por Mikhail Bakhtin, apresenta, entre outros elementos, a relação espaciotemporal na obra de arte literária. Segundo o pensador, observar como a historicidade de determinado local exerce influência na constituição de um indivíduo pode determinar vertentes interessantes para o entendimento da interação

entre espaço, escrita e sociedade. Dessa forma, observar como se dão as relações de sentido construídas por meio da ação histórica na concepção espacial permite verificar como a instância tempo-história pode influenciar na composição social e individual da criação literária.

Aliando os pressupostos bakhtinianos de *cronotopo* às obras em questão observa-se a importância da história do espaço urbano interferindo na elaboração das personagens que se vêem ameaçadas pelas mudanças de seus espaços urbanos ocorridas com o advento da modernidade em duas importantes cidades brasileiras. Gonzaga de Sá acusava veementemente a modernização do Rio de Janeiro, nos primeiros anos do século XX, realizada sem qualquer planejamento urbano em relação às classes subalternas, privilegiando as classes sociais de maior poder aquisitivo. O povo é obrigado a ficar circunscrito a um círculo vicioso que lhes impõe uma eterna subserviência diante de homens preocupados somente com o *status* social oriundo do título de doutor ou de um casamento por interesses financeiros. Depois de mais de 60 anos da primeira edição da obra de Lima Barreto, verifica-se na produção de João Antônio semelhantes preocupações apesar das inúmeras mudanças políticas e sociais ocorridas no Brasil. O protagonista do autor paulistano sofre por ter tido uma origem social humilde e, com muito sacrifício ter ascendido socialmente, pertencendo, na atualidade da narrativa, à classe média e, conviver diariamente com a hipocrisia inerente à sua profissão o leva a um martírio moral intermitente. Apesar das origens sociais diferentes, percebe-se que ambos personagens têm em comum um sentimento solidário para com os sofrimentos e inconsciência crítica dos homens segregados à zona de exclusão. Esse calvário interior os leva a sentirem uma espécie de culpa por terem uma condição social melhor do que a maioria da população brasileira. Assim, nas duas obras a cidade exerce um papel preponderante que ao mesmo tempo auxilia e justifica, por meio de dados reais, os sofrimentos dos protagonistas e, por outro lado, é tomada como castradora por parecer indicar-lhes a falta de perspectiva para a humanidade. Os homens parecem tornar-se, cada vez mais, cimento do concreto de que se constituem as ruas, edifícios, casas, praças e monumentos.

A cidade a partir do que se expõem, se apresenta como uma usina de sentidos que ou denotam os narradores ou os localizam não apenas na sociedade e aos seus tempos distintos, mas de si para si mesmos – uma localização fundamentalmente de ordem ontológica. Restam-lhes tentar travar um diálogo entre seu ser e seu tempo com o tempo e a história da cidade que não são mais como dantes, como forma de localizar-se enquanto sujeito em determinado contexto: a perda de suas identidades é irremediável e a falta de espaço os insere na negação completa de si mesmos.

Nas duas narrativas, verifica-se o choque marcante da modernidade entre os tempos humano e histórico. Ainda que estas obras tenham sido produzidas em tempos e espaços diferentes, elas têm em comum a denúncia da irregularidade social como consequência da imposição de uma invisibilidade decorrente de um poder público ausente perante as reais necessidades dos marginalizados sociais. Alça-se, assim, uma legítima separação entre centro e periferia dentro de um mesmo espaço, ocasionando rupturas que se perpetuam na cartografia urbana da sociedade atual.

#### **Referências:**

ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Bernardini et. al. São Paulo: Unesp, 1993.

BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1956.